

Relações contemporâneas entre o envelhecer, a religião e cultura, sob a luz junguiana dentro da Mitologia Africana*

Contemporary relations between aging, religion and culture, under the Jungian light within African Mythology

Relaciones contemporâneas entre el envejecimiento, la religión y la cultura, bajo la luz junguiana dentro de la Mitología Africana

Leonardo Tondato de Mello
Elisabeth Frohlich Mercadante

RESUMO: Este trabalho visa a proporcionar, para estudiosos da gerontologia, psicólogos, e profissionais das diversas áreas, uma análise do envelhecimento, da velhice, articulada à questão da religião e cultura, levando em conta os pressupostos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, da mitologia junguiana à mitologia africana, Dessa forma, fornecendo mais uma visão acerca do envelhecimento, ampliando o estudo deste tema, ainda tão desconhecido. Os orixás são aqui vistos como modelos arquetípicos, formas de envelhecimento, que apontam para o processo de individuação descrito na obra de Jung. Tem-se que, à luz da mitologia africana e da psicologia analítica, há interrelação entre as temáticas, trazendo, assim, outra concepção sobre o envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Psicologia Analítica; Jung; Mitologia Africana.

* Este estudo resulta de pesquisa de Mestrado de título O envelhecer: uma análise junguiana na mitologia africana, defendida pelo primeiro autor, sob a orientação do segundo, em 2016, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, filiado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

ABSTRACT: *This work aims to provide an analysis of old age, for gerontologists, psychologists, and professionals from different areas, taking into account the assumptions of Carl Gustav Jung 's analytical psychology and Jungian mythology, thus providing another insight about aging, expanding the study of this subject, still so unknown. The orixás are here seen as archetypal models, forms of aging, that point to the process of individuation described in the work of Jung. In the light of African mythology and analytic psychology, there is an interrelation between the themes, bringing another conception about aging.*

Palavras-chave: *Aging; Analytical Psychology; Jung; African Mithology.*

RESUMEN: *Este trabajo pretende proporcionar, para estudiosos de la gerontología, psicólogos, y profesionales de las diversas áreas, un análisis de la vejez, teniendo en cuenta los presupuestos de la psicología analítica de Carl Gustav Jung y de la mitología junguiana, de esa forma, proporcionando una visión más sobre el envejecimiento, ampliando el estudio de este tema, aún tan desconocido. Los orixás se ven aquí como modelos arquetípicos, formas de envejecimiento, que apuntan al proceso de individuación descrito en la obra de Jung. Se tiene que, a la luz de la mitología africana y de la psicología analítica, hay interrelación entre las temáticas, trayendo así otra concepción sobre el envejecimiento.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Psicología Analítica; Jung; Mitología Africana.*

Introdução

A velhice é uma fase da vida que, na verdade, ainda não é totalmente conhecida; as pessoas não sabem lidar com essa questão contemporânea, um processo em que ocorrem fenômenos de natureza biológica, psíquica, social, e existencial; o que obriga que se leve em conta a dimensão de sua totalidade. Não se sabe ao certo quando ficamos velhos, envelhecemos simplesmente, e tudo ao redor toma outra configuração na velhice, período em que pode haver o crescimento espiritual.

Em meio a essa trama, cabe ressaltar que envelhecer, por ser uma possibilidade de desenvolvimento humano mas não devidamente compreendida pelas pessoas, na contemporaneidade acaba se mostrando indesejável em uma sociedade que apoia o “não envelhecer”. Sobre esta questão, Correa (2009, p. 28) afirma:

Atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só é indesejável, mas a finitude humana também o é. Por isso, o envelhecimento permaneceu na orla social por tanto tempo como uma espécie de tabu, da ordem de um interdito em relação ao qual o silêncio seria o melhor aliado.

Em contrapartida, o aumento da composição demográfica de idosos fez com que se buscassem novas formas para sua inclusão e novos símbolos foram criados para o idoso, que englobassem, além da sabedoria e conhecimento, a experiência e a maturidade, e também que ele fosse visivelmente social, com possibilidades de novos planejamentos, atividades, realizações.

Ainda sobre a questão, Correa (2009, p. 29) coloca que:

O mundo está mais velho. Conhecido por ser um país jovem, o Brasil tem ficado cada vez mais grisalho. O progresso científico, a biotecnologia, os métodos contraceptivos, a maior produção e o acesso a medicamentos, enfim, poderíamos elencar uma série de fatores que podem ter contribuído para o aumento da expectativa de vida. Mas esses não seriam fatores isolados, pois um processo ainda mais complexo aconteceu em poucas décadas, levando a velhice a um *status* até então inalcançado, promovendo mudanças na forma de ver e viver o envelhecimento: a visibilidade social.

Continuando nesta linha de raciocínio, uma vez que se vive mais e, agora, os idosos estão visíveis socialmente, estes se tornam também uma parcela populacional consumidora, ou seja, são economicamente lucrativos.

Sobre esta questão, Correa (2009, p. 29) complementa:

Outro fator importante na modificação do olhar sobre a velhice foi seu forte impacto na economia e em outras esferas da sociedade, criando a premente necessidade de delimitar essa população, caracterizá-la, conhecer seu potencial, estabelecer sua funcionalidade, enfim, geri-la de forma eficiente.

A proposta deste artigo é articular a psicologia e a mitologia africana, em um estudo do envelhecer, relacionando religião e cultura. A metodologia aqui desenvolvida se dá por meio da análise bibliográfica sobre a psicologia junguiana, envolvendo autores que, na linha de Jung, escreveram sobre a psicologia analítica, como Marie Luise Von Franz, Hollis, e autores que investiram na mitologia africana, como Pierre Verger, além de autores que escreveram sobre os dois temas, procurando uma relação entre eles, como José Jorge de Moraes Zacharias.

Entende-se, neste estudo que a velhice como o tema proposto, parte de uma análise já pesquisada acerca dos arquétipos como modelos de comportamento, em que o indivíduo atuante, é dominado por tais influências arquetípicas, sem sequer se dar conta disso, pois que as pessoas, velhos ou velhas não são somente indivíduos; todavia, fala-se mais sobre a maneira arquetípica de envelhecimento, padrões arquetípicos de velhos e envelhecimentos, uma vez que há interrelação entre a mitologia africana e a psicologia analítica, e a velhice e os arquétipos.

Assim, a mitologia pode ser uma ferramenta explicativa, que auxilia na compreensão de aspectos da velhice como o “bom” envelhecer, em que a velhice traduz-se em experiência de vida, sapiência e serenidade, e o “mau” envelhecer, em que o velho com que sua vida fique repleta de amarguras e angústias, temendo a morte. Ou então fazer desta nova fase e momento de desenvolvimento, uma “cópia” do que foi realizado na primeira metade de sua vida.

Arquétipo, mitologia e velhice

Mitos e símbolos revelam a realidade mais profunda da psique. Os símbolos jamais aparecem da psique, e são inesgotáveis em seu significado. A partir da busca dos símbolos e da vida psíquica, Jung formulou sua teoria, em que ele ressaltou a importância dos símbolos, tal como os mitos, para o entendimento da alma humana.

Segundo Gomes e Andrade (2009, p.140): “(...) então explorou as correspondências entre os símbolos que surgem nas lutas da vida dos indivíduos e as imagens simbólicas religiosas subjacentes, sistemas mitológicos e mágicos de muitas culturas e eras”.

Com esta correspondência, as noções de inconsciente pessoal, que corresponderiam ao inconsciente freudiano, e de inconsciente coletivo, foram formuladas. O inconsciente coletivo seria uma estrutura herdada, com conteúdos referentes à humanidade, à morada dos arquétipos. O postulado sobre o inconsciente coletivo permitiu a explicação de fenômenos individuais e a sua correspondência com temas mitológicos, referentes a situações da alma humana, cabendo, então a possível correspondência.

O mito trata, para a psicologia analítica, sobre fenômenos que ocorrem na vida humana e sobre temáticas universais, como, por exemplo, a maternidade, a paternidade, o bem, o mal, dentre outros.

Os mitos se referem às realidades arquetípicas, isto é, a situações com que todo o ser humano se depara ao longo da vida, e vão além ao explicar, auxiliar e promover as transformações psíquicas, tanto no nível individual como no coletivo, de certa cultura. Toda a mitologia se torna, assim, uma forma de tomada de consciência, um elemento para nos identificar. Existem mitos universais e os de cada cultura, mitos iguais para todas as épocas, com novas roupagens, porque o que é arquetípico é o tema e a partir deste tema podem surgir novas formas de colocação.

Nos mitos, o indivíduo pode se reconhecer e reconhecer a sua história, pelo fato de tratarem de temáticas universais e arquetípicas. Ainda sobre o mito, Von Franz (2012, p. 31):

Parece-me que as histórias arquetípicas se originam, frequentemente, nas experiências individuais através da irrupção de algum conteúdo inconsciente, que pode surgir em sonhos ou em alucinações em estado de vigília. Algum evento ou alguma alucinação coletiva acontece e, então, o conteúdo arquetípico irrompe na nossa vida. Nas sociedades primitivas, praticamente nenhum segredo é guardado; então, essa experiência é sempre comentada, ampliando-se por outros temas folclóricos existentes que a completam. Então, ela se desenvolve tanto quanto um boato.

O mito é, então, uma produção, também, cultural. Ele apresenta aspectos culturais conscientes, que o ligam àquele lugar da história e àquela cultura, fundindo-se com o consciente coletivo, estando, desta maneira, mais próximo daquela realidade cultural, o mito está próximo da consciência.

Pode-se concluir que o arquétipo é, também, universal, remontando ao mais primitivo (em sentido de primordial) e é inconsciente, passando para a consciência de acordo com o indivíduo que o manifesta, trazendo assim “colorido” pessoal para o arquétipo, ou seja, como aquele indivíduo, inserido em um dado momento histórico e cultural, vivencia aquele arquétipo; todavia, não é o indivíduo que possui o arquétipo, mas, sim, o raciocínio contrário numa espécie de “possessão”.

Sobre o arquétipo, Jung (2000, p. 79) diz: “não são disseminados apenas pela tradição, idioma ou migração. Eles podem reaparecer espontaneamente a qualquer hora, em qualquer lugar, e sem qualquer influência externa”.

A vivência de um arquétipo provoca reações emocionais de grande poder, pois suscita à imagem primordial inconsciente; por isso é tão poderoso.

O inconsciente é quem cria o sonho e o mito como representação de elementos advindos da psique, ainda citando Jung (1942, p. 109): “Os arquétipos não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências”.

Cada vez que um arquétipo aparece em sonho, na fantasia, ou na vida, ele traz consigo uma ‘influência’ específica ou uma força que lhe confere um efeito luminoso e fascinante ou o impele à ação.

Então, o mito e o arquétipo se relacionam, já que o mito conta de uma realidade arquetípica e psíquica, como dito antes trata de temáticas universais, em que o indivíduo pode se encontrar nessas histórias míticas.

Envelhecer é um fenômeno complexo, que não pode e nem deve ser interpretado somente em sua faceta biológica. Envelhecer é um fenômeno heterogêneo como o afirma Mercadante (2005, p.25): “A complexidade também está presente nos estudos realizados pela antropologia, que evidenciam, entre as várias sociedades primitivas – em um primeiro momento – não uma situação de homogeneidade, mas a presença da heterogeneidade”.

Portanto, envelhecer é arquetípico também, uma vez que todos envelhecem e, para a psicologia analítica, é um momento importante, em que pode ser realizada (pois nem sempre o é) a difícil travessia da metanoia, processo que está sendo tratado a seguir. Envelhecer, porém, também passa por conteúdos pessoais: o processo de envelhecimento de Joaquim é diferente do processo de envelhecimento de Pedro e assim de João...; mas também para cada cultura, envelhecer adquire um conteúdo diferenciado, podendo ser ou não valorizado, dependendo da sociedade, da época.

Metanoia

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung postula que, na segunda metade da vida de uma pessoa, batizada por ele como metanoia, o foco muda e há uma nova orientação, em que o *ego* se direciona para o *self*, arquetipo regulador da totalidade psíquica. A velhice é vista, então, não é de forma alguma estática, mas sim dinâmica, um processo. Segundo Arcuri (2012, p. 89),

Na Metanoia, tem-se o momento de retomada da consciência, do Ser como algo maior que transcende o *ego*, as relações parentais, quando podemos contribuir de forma mais abrangente. Metanoia é um termo grego que indica transformação da própria idade pessoal, quando novos valores podem ser adotados.

Este momento é de suma importância para a psicologia junguiana, pois nele lugares são revisitados, havendo uma retomada da primeira metade da vida, um direcionamento para o mundo interno, cujas exigências do *ego* não possuem tanta importância.

Na metanoia, a ênfase maior é em *ser*, enquanto na primeira metade da vida é o *fazer*. A personalidade inconsciente passa a ser o foco deste momento, em detrimento à personalidade consciente da primeira metade da vida.

Esta passagem não é feita de maneira fácil ou simples, é uma travessia em que poucos se arriscam, já que, neste momento, valores mudam, entram em crise e o que é novo ou conteúdos ditos sombrios (que possuem relação com o arquétipo da sombra) vêm à tona, tornando-se perigosos fantasmas, caso não sejam olhados, aproximados tais conteúdos.

O arquétipo da sombra também foi postulado por Jung e diz respeito de um lugar psíquico que possui potências relativas ao indivíduo que, por algum motivo, não foram por ele olhados e também possui projeções do indivíduo para pessoas/mundo, além de conter o que não é suportado ser visto pelo indivíduo.

Em tal momento importante, é necessário o diálogo entre a chamadas “persona” e “sombra”, para que se busquem soluções para os conflitos. Ainda sobre o tema da sombra, Hollis (1995, p. 59) afirma:

“Examinemos a sombra, que representa tudo o que foi reprimido ou que passou despercebido. A sombra contém tudo o que é vital, porém problemático – a raiva e a sexualidade, com certeza, mas também a alegria, a espontaneidade e a chama criativa não aproveitada.”

Agora, sobre a persona, pode-se falar que o próprio termo significa, em latim, máscara, sendo que ela é uma forma adaptativa medianamente consciente do *ego* às condições sociais da vida. A persona é uma espécie de “acordo” entre o indivíduo e a sociedade.

Sobre a persona, Hollis (1995, p. 58) reitera:

Desenvolvemos muitas *personas*, papéis que são ficções necessárias. Comportamo-nos de uma maneira com nossos pais, de outra com nosso padrão, e de outra ainda com o nosso cônjuge ou namorado. Embora a *persona* seja uma superfície comum de contato necessária com o mundo exterior, temos a tendência não apenas de confundir a *persona* das outras pessoas com a verdade interior delas, mas também de achar que nós também somos os nossos papéis.

O diálogo entre a persona e a sombra ocorre na metade da vida e representa um equilíbrio necessário ao indivíduo.

Pode-se dizer que, na primeira metade da vida, é o momento em que a *persona* se desenvolve, é o momento de criação e manutenção da *persona*, a realidade interior é negligenciada.

Outro fato que também ocorre no meio da vida é o encontro com a função inferior. Jung postula que quatro funções norteiam a psique: intuição, sentimento, pensamento e sensação. A intuição possui seu fator subjetivo, ela “vê” a natureza do oculto, ou seja, do inconsciente, sendo oposta à sensação.

O sentimento capta o mundo através do juízo realizado pelos sentimentos, como gostar ou não gostar de algo, cuja lógica é a emoção.

O pensamento capta o mundo pela lógica da razão, estabelecendo leis gerais e aplicando-as caso a caso, julgando, classificando as coisas.

A sensação capta o mundo com os órgãos do sentido, dando constatação às coisas que o cercam.

Segundo Hollis (1995, p.104): “Todos possuímos, em proporções diferentes, as quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição.”

A função dominante, ou dita superior, é aquela a qual se volta de forma reflexiva para apreender a realidade, manifestando-se desde cedo e norteando a visão de mundo de um indivíduo. A função superior é assim chamada pelo fato de a ela recorrermos em maior escala do que qualquer outra função; por isso torna-se superior, o mesmo raciocínio cabendo para a função inferior. No meio da vida, a função inferior, anteriormente negligenciada, exige atenção, necessita ser olhada.

Mitologia e psicologia junguiana

A mitologia africana diz respeito aos deuses que habitam o panteão africano e suas histórias míticas. Neste universo, que foi trazido ao Brasil pelos escravos, os deuses são chamados de orixás. Na África, estima-se a contagem de 402 orixás, sendo 201 que comandam a parte da “esquerda” (derivações do orixá Exu, senhor dos caminhos) e 201 comandantes da parte da direita.

Na vinda dos escravos, via navios negreiros, para o Brasil, chefes de tribos africanas, famílias inteiras foram separadas e mandadas para o trabalho escravo, oriundas de diferentes regiões africanas, sendo que, na África, orixás diferentes eram cultuados em diferentes regiões, de acordo com a cultura de cada tribo, de sua origem e da demografia também.

Ao chegarem ao Brasil, para não sofrerem represálias dos senhores, os escravos cultuavam a imagem dos deuses católicos, uma vez que o sistema das religiões era o mesmo: um deus único e supremo (representado para os africanos como Olorum, e para os católicos como a figura de Deus) e os intermediários (orixás e santos, para os africanos e para o catolicismo, respectivamente); a este fenômeno, dá-se o nome de sincretismo, a correspondência dos deuses católicos com as figuras dos orixás.

Sobre a questão do sincretismo, Irigaray e Vergara (2000, p. 4) reiteram: “O sincretismo foi facilmente instrumentalizado pela similaridade da estrutura organizacional das religiões: um deus supremo (Olorum) com vários intermediários (santos/orixás)”.

Dessa forma, Oxalá foi associado a Jesus Cristo, em função de ambos serem o filho do Criador e salvador dos homens na Terra. O maior exemplo deste sincretismo aparece numa das festas mais populares da Bahia: a lavagem da escadaria da igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Nanã foi associada à Santana, mãe da Virgem Maria, por ser uma orixá velha. Ela representa as avós, com sua calma e paciência. Xapanã foi identificado como São Lázaro, pois ambos trazem seus corpos cobertos de chagas. Em algumas regiões, o sincretismo é feito com São Roque, pois este dedicou sua vida a tratar dos doentes e, tal qual seu par africano, vivia isolado do mundo. Originalmente, Xapanã era o orixá que carregava a chaga (varíola) e, simultaneamente, sua cura; por este motivo ele era muito respeitado.

Iemanjá é louvada no Brasil como Rainha do Mar, Janaína, Mãe d'Água, Sereia ou Iara. Em relação ao catolicismo, ela foi associada a Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora das Candeias. Ainda hoje suas datas festivas, 1 de janeiro e 2 de fevereiro, são muito comemoradas no Rio de Janeiro e na Bahia, respectivamente.

Xangô, o rei de Oió, que se tornou o orixá da justiça, foi associado a São Jerônimo, o qual é retratado como um velho imponente, sentado ao redor de livros e tendo a seus pés um leão, símbolo da realeza entre os iorubas.

Ogum está vinculado a Santo Antônio, na Bahia, e a São Jorge, no Rio de Janeiro. O primeiro por haver protegido os portugueses contra os invasores holandeses, e o segundo, por ser um santo guerreiro, retratado sobre um cavalo, vencendo um dragão com uma lança.

Oxóssi foi associado a São Sebastião devido ao martírio do santo, que é representado amarrado a uma árvore e com o corpo cravado de flechas. Oxum se reflete no altar católico como Nossa Senhora da Conceição, representando a fecundidade e a riqueza. Exu que, na cultura nagô, possui um gorro fálico, era o orixá da comunicação e do sexo. Foi imediatamente associado ao diabo, pois este, na concepção católica, possui chifres, e tenta a humanidade com o pecado original.

O inconsciente coletivo foi postulado por Jung e este é um dos motivos da divergência entre ele e Freud. Para Jung, além do inconsciente pessoal (que se assemelha à postulação do inconsciente freudiano) existe também o inconsciente coletivo, onde moram os arquétipos e que possui em si as experiências que a humanidade possui com tal arquétipo em diferentes culturas, por isso, ele é coletivo.

Sobre este conceito, Jung (1998, p.13) afirma: “Diante destes fatos devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos”.

Retomando, o candomblé aparece como um elemento-ferramenta múltiplo, que auxilia na manutenção da cultura africana no Brasil e, também como difusão de tal, além de mantenedor das lendas dos orixás, contadas de forma oral.

Os traços de personalidade, vistos na pessoa, são chamados na umbanda e no candomblé de arquétipos, noção esta que pode ser assemelhada ao conceito junguiano de arquétipo, uma vez que, para o “povo de santo”, o arquétipo diz respeito a como o filho de dado orixá se comporta.

Para Levi Strauss (1978, p. 33), “na mitologia do mundo inteiro, há deidades ou personagens sobrenaturais que desempenham o papel de intermediários entre os poderes de cima e a humanidade em baixo”. Dessa forma, o universo mitológico cria uma atmosfera relacional entre o plano concreto, material e o plano divino, idealizador, criativo da atividade sócio-cultural humana.

Os mitos africanos, tais como outros mitos, trazem, então, a ligação do homem com os deuses, mas também a ligação do indivíduo com o arquétipo do *self*.

Ainda sobre esta questão do mito, Fernandes e Mota (2007, p.1) afirmam:

Os mitos dos orixás apontam para uma longa memória – mesmo que construída dialeticamente – e reportam seus adeptos para tempos longínquos em que os deuses habitavam a terra. Na dinâmica dos terreiros de candomblé, os cultuadores dos orixás, o povo do santo, entende esses textos em seu aspecto religioso, o que lhes confere instrumento que transcende o material, o concreto, o científico, tornando os mitos, nesta perspectiva, instrumento que comunica deuses e homem, terra (*àiyé*) e céu espiritual (*órun*).

Pode-se pensar que os mitos fazem a ligação entre o consciente e o inconsciente, formando, assim, uma ponte entre os “dois mundos”, sendo uma ferramenta de ampliação de consciência.

O candomblé é parte constituinte da cultura brasileira, e está presente na música, dança, culinária etc., fazendo parte da cultura e das manifestações populares.

Compreender o candomblé como parte do complexo cultural brasileiro e, no caso desta dissertação, compreender os orixás como modelos arquetípicos de funcionamento, constelando modos de ser, pode auxiliar os psicólogos, como o afirma Portz (2011, p.15):

Assim, o psicólogo faz uso dessas histórias míticas para assessorar no tratamento de seus pacientes. Os arquétipos dos orixás, desse modo, cooperam de diferentes formas para a identificação de características pessoais de uma pessoa aos hábitos e atitudes tomados por ela em seu dia a dia.

O mito instrui praticantes religiosos, dá ao homem explicações do surgimento do mundo e também, pensando de maneira analítica, o ordena psiquicamente.

Sobre a questão arquetípica, Afonso (1995, p.40) ratifica que:

As divindades das religiões africanas têm, pois, personalidades próprias e funcionam como modelos de identificação dos crentes, que vão tentar reproduzir o comportamento daquela de que são adeptos. Um deus é uma força pura, sem matéria, e só pode ser percebido pelos homens: se incorporar num deles, num dos seus descendentes. Assim, no panteão afro-brasileiro existe uma série de estereótipos que compreendem características dos humanos.

O *self* é tido como uma fonte inesgotável de energia psíquica, que ordena a consciência, rumo ao processo de individuação. Nos mitos, observa-se a presença de símbolos, que possuem um significado infinito, já que podem representar diferentes representações em diferentes momentos e possuem, também, temática arquetípica.

A respeito do símbolo, Rodrigué (2009, p. 164) afirma:

Símbolo se refere à possibilidade de se expressar a existente polarização através de algo conhecido (pessoal) com algo totalmente estranho que vem de fora, a natureza arquetípica, impessoal, coletiva quer dizer pertencente ao inconsciente coletivo.

O símbolo, então, possui duas partes: Uma pessoal e outra arquetípica, o entremeio entre conhecido e desconhecido, pessoal e coletivo, consciente e inconsciente, e é uma estrada para compreensão do que o inconsciente diz, uma vez que pode ser pensado como “recados” oriundos do inconsciente. O objetivo da psicoterapia, sob a abordagem junguiana, pode ser descrito como trazer à consciência o processo simbólico de um indivíduo.

Assim é que o mundo de símbolos de um indivíduo implica no contexto simbólico daquele grupo social, e de seu subgrupo, e seu sistema de formação de símbolos, construído a partir das experiências individuais.

Voltando para a questão dos orixás, Zacharias (2010, p.158) destaca que: “Os Orixás são representações coletivas de características arquetípicas que, semelhantemente aos deuses gregos, apresentam mitologia e padrões de comportamento ligados aos elementos naturais ou culturais que lhes são próprios”.

Finalizando, cabe, a nosso ver, a afirmação de Zacharias (2010, p. 158):

O conhecimento do conteúdo simbólico contido nos cultos de Orixá fornece chaves de entendimento para processos psíquicos, sejam estes individuais ou coletivos. Isto só é possível graças às analogias míticas, que podemos traçar entre os deuses de várias culturas. Por exemplo, deuses que têm por elemento o raio e o trovão: Zeus, Tupã e Xangô.

Em um contexto de população fortemente influenciada pelos cultos afrobrasileiros, é de vital importância que o conteúdo mítico-simbólico destes cultos sejam conhecidos e compreendidos em seu sentido psicológico e de ajuda ao ser humano para entender sua velhice.

Os símbolos e deuses cultuados nos cultos afro-brasileiros são mitologias vivas, pois que a religião continua viva, diferentemente dos deuses e mitos helênicos que, na atualidade, só podem ser compreendidos através de um exercício de interpretação cognitiva, visto estar o helenismo, como religião do povo, morto.

A mitologia dos Orixás está viva e representada na vida religiosa e cotidiana de cada iniciado. Cada pessoa expressa no mundo, na comunidade, na família e em sua própria representação identitária, o Orixá vivo e atuante.

Neste trabalho, a velhice foi analisada, a partir da psicologia junguiana e da mitologia africana. Considerando-se que os arquétipos são universais, presentes em todas as sociedades, coube aqui relacioná-los com a psicologia analítica de Jung.

Envelhecer, nessa linha de raciocínio, é mais uma fase do desenvolvimento humano, que possui suas peculiaridades e também potencialidades, possibilidades de novas construções. Como qualquer outra fase da vida humana. Nesse sentido, o velho não pode e nem deve ser estigmatizado, como sinônimo de perda de forças e quaisquer que sejam as perdas, de maneira geral. A velhice é o momento em que se desfruta do *carpe diem*, o famoso “aproveite o dia”, ou então, por que não dizer, “aproveitar o tempo de que você dispõe, não de maneira cronológica, mas sim em sua forma kairósiana”. Kairós diz respeito ao tempo interno, tempo das vivências e, em psicologia analítica, o tempo da sincronicidade. Na velhice, as amarras sociais parecem mais frouxas, possibilitando um novo viés, novos olhares, percursos por caminhos dantes nunca percorridos, mais nítidos agora, possibilitando ao sujeito sua capacidade de ser, deixando de lado o ter.

A velhice é o momento de retomada da própria história, aproximação de conteúdos que anteriormente, por diversos motivos, não foram devidamente olhados, propiciando-se, agora, a transformação do indivíduo, dada pelo amor, a si próprio, pela criatividade e, também, pela disposição em passar pelo tão atribulado momento da metanoia, que não possui nem momento certo para começar, seque momento certo para terminar.

O velho não é, então, depositário de características negativas e depreciativas; está muito além disso; ele é potência, é vida, e é força e vontade de viver! Tal como o evoca o poema de Dayse Sene a seguir, de título “*A Juventude e a Velhice*”:

*Um dia,
a juventude disse:
vou sempre visitar a velhice.
Gosto de estar perto dela.
Ela me passa*

sabedoria e aprendizados!
E a velhice disse a juventude:
Adoro quando você
vem me visitar...
Em cada visita sua,
me encho de juventude...
E fico um pouco mais,
por aqui na Terra.
Por isso concluo, eu, a poeta:
Apesar de serem
extremos na palavra vida,
Cada um a seu modo,
fortalece o outro.
Abençoado seja,
quem tem essa visão no mundo.
Pois assim e somente assim...
haveria mais harmonia
e reciprocidade,
entre as pessoas do mundo!
Ganhamos asas e sonhos...
e aqui sobreviveremos
mais e mais...

Para finalizar, a mensagem esperançosa de Simone de Beauvoir: “Se não foste feliz quando jovem, certamente que tens agora tempo para o ser”.¹

Referências

- Afonso, J. A. (1995). *Notas sobre o ciclo das mães na mitologia afro-brasileira. Análise Psicológica, 1-2(XIII)*, 39-45. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3123/1/AP_1995_12_39.pdf.
- Arcuri, I. G. (2012). Velhice e Espiritualidade – Metanoia, “A segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. São Paulo, SP: *Revista Kairós – Gerontologia, 15(2)*, 87-104. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairós/article/view/13797/10185>.
- Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade* [on-line]. São Paulo, SP: Editora UNESP; Cultura Acadêmica. (125 p.). Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <http://books.scielo.org>.
- Fernandes, A. O., & Mota, M. S. (2007). *Da apropriação e reiteração de discursos iorubas: uma leitura sígnica*. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <http://docplayer.com.br/2267517-Da-apropriacao-e-reiteracao-de-discursos-iorubas-uma-leitura-signica.html>.
- Hollis, J. (1995). *A passagem do meio*. São Paulo, SP: Paulus.
- Irigaray, H. A. R., & Vergara, S. C. (2000). Os orixás da administração. In: *Revista de Administração Pública, 34(2)*. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <https://pt.scribd.com/document/327561805/Vergara-Irigaray-2000-Orixas-Individuos-e-Organizac-12729>.

¹ Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MTAxODg/>. Acesso em 01 agosto, 2016.

- Jung, C. G. (1998). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (1998). *O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mello, L. T. de. (2016). *O envelhecer: uma análise junguiana na mitologia africana*. Recuperado em 01 setembro, 2016, de: <https://pt.scribd.com/document/332319901/O-envelhecer-uma-analise-junguiana-na-mitologia-africana>.
- Mercadante, E. F. (2005). Velhice: uma questão complexa. In: Côrte, B., Mercadante, E. F., & Arcuri, I. G. (Orgs.). *Velhice/Envelhecimento Complex(idade)*, 23-34. São Paulo, SP: Vetor Editora.
- Portz, R. M. (2011). *Abrindo caminho: a mitologia dos orixás na cultura popular brasileira e nas salas de aula*. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de licenciatura em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <http://docplayer.com.br/2267503-Universidade-federal-do-rio-grande-do-sul-instituto-de-letras-renata-moschen-portz-abrindo-caminho.html>.
- Rodrigué, M. G. S. (2009). *Orí, na tradição dos orixás: Um estudo nos rituais do Ilê Àsé Òpó Afonjá*. Tese de doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp111149.pdf>.
- Von Franz, M. L. (1981). *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo, SP: Paulus.
- Zacharias, J. J. M. (1998). *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo, SP: Vetor.
- Zacharias, J. J. M. (2010). Olori, o dono da cabeça. Uma tipologia afro-descendente. *Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, 17(23), 151-164. Recuperado em 01 novembro, 2015, de: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2010v17n23p151>.

Recebido em 10/09/2016

Aceito em 30/10/2016

Leonardo Tondato de Mello – Graduação em Psicologia, Universidade Paulista. Especialização em Psicoterapia Junguiana, Universidade Paulista. Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorando em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de SP (Núcleo de Estudos Junguianos). Tem experiência na área de Psicologia, Desenvolvimento Humano e Gerontologia, com ênfase em Psicologia Analítica.
E-mail: ngosfa@hotmail.com

Elisabeth Frohlich Mercadante - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná (UFP). Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é Professora-Doutora da PUC-SP. Docente, Pesquisadora, Orientadora do Curso de Ciências Sociais (PUC-SP) e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/FACHS/PUC-SP. Atua principalmente nos seguintes temas: Velhice, Idoso, Envelhecimento e Cultura. É uma das editoras da Revista *Kairós – Gerontologia*. É líder do Grupo de Pesquisa “Velhice, Espaços de Moradia, Arranjos Comunitários e Políticas Públicas”.

E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br